

REPORT(H)A

REDE PORTUGUESA
DE HISTÓRIA AMBIENTAL

II MEETING

ENVIRONMENTAL CHANGES IN HISTORICAL PERSPECTIVE

MAY 4 - 6, 2017

UNIVERSITY OF LISBON and NEW UNIVERSITY OF LISBON

BOOK OF ABSTRACTS



MEETING OBJECTIVES

The Centro de História of the Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CH-ULisboa) / Center of History of the Faculty of Arts and Humanities of the University of Lisbon and the Instituto de História Contemporânea of the Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (IHC-FCSH, UNL) / Institute of Contemporary History of the Faculty of Social Sciences and Humanities of the New University of Lisbon, are pleased to be hosting the II meeting of REPORT(H)A - Portuguese Network of Environmental History, in 2017 Spring.

REPORTHA was created in 2015, following the WCEH 2014 - Second World Congress of Environmental History, held in Guimarães and had the first meeting in 2015, in the scope of the IV CITCEM conference (5-7 november, Faculty of Arts of the University of Porto).

Following these initiatives, the II meeting REPORT(H)A intends to bring together researchers, teachers, students and experts on environmental history from the fields of human, social and natural sciences in order to create synergies among all scholars engaged in

environmental history and stimulate the debate on an issue that has gained considerable visibility over the last decades.

The cross cutting conference theme Environmental Changes in Historical Perspective is inscribed in transnational and transdisciplinary approaches, a challenge to the current academic research and debate in environmental sciences and humanities. It aims to be a bridge between different forms of knowledge and between different geographical and social spaces, while putting them into a meaningful context. Thus, the conference welcomes innovative approaches contributing to a lively exchange of ideas and experiences as well as on new perspectives, concepts, methodologies and processes in the field of Environmental History.

EVENT ORGANIZATION

Centro de História da Universidade de Lisboa

Instituto de História Contemporânea da Universidade
Nova de Lisboa

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da
Universidade Nova de Lisboa

EVENT SPONSORSHIP

EPAL – Grupo Águas de Portugal

Centro Hellen Keller

SCIENTIFIC COMMITTEE

Ana Francisca Azevedo (ICS-UMinho)
Ana Simões (CIUHCT -UL)
António Ortega Santos (UGranada)
Armando Alberola (UAlicante)
Arnaldo Melo (Lab2Pt-UMinho)
Carlo Bifulco (CEABN ISA-UL-)
Cristina Brito (CHAM-FCSH, UNL)
Fátima Nunes (UE & and IHC-FCSH, UNL)
Francisco Castro Rego (CEABN ISA-ISA, UL)
Hermenegildo Fernandes (CH-ULisboa)
Inês Amorim (CITCEM – FLUP)
João Alveirinho Dias (CIMA - UAlg)
José M. Lopes Cordeiro (UMinho)
José Pádua (IH - UFRJ)
Lígia Pinto (EEG - UMinho)
Luís Cancela da Fonseca (MARE / Laboratório Marítimo da Guia)
Margarida Sobral Neto (FLUC)
Maria João Alcoforado (IGOT – UL)
Paulo Guimarães (UE)
Rosário Bastos (UAb)
Ulisses M. Azeiteiro (CESAM & UA)

ORGANIZING COMMITTEE

Ana Cristina Roque (CH-ULisboa)
Ana Isabel Queiroz (IHC-FCSH, UNL & IELT-FSCH, UNL)
Cristina Joanaz de Melo (IHC-FCSH, UNL)
Joana Gaspar de Freitas (CH-ULisboa & IELT-FSCH, UNL)
José Damião Rodrigues (CH-ULisboa)
Luís Silveira (IHC-FCSH, UNL)
Maria Manuel Torrão (CH-ULisboa)

4TH MAY 2017

SCHOOL OF ARTS AND HUMANITIES OF THE UNIVERSITY OF LISBON

CONFERENCE

WHICH CAME FIRST, GAIA OR THE ANTHROPOCENE? MORE ADVENTURES IN GLOBAL HISTORY

Marcus Hall

University of Zurich. Ch. marc.hall@ieu.uzh.ch

Gaia is the Greek goddess after whom James Lovelock named his famous theory about global cybernetics in 1972, whereas the Anthropocene was launched by Paul Crutzen in 2000 as the label of our human age. Both the Gaia theory and the Anthropocene have increasingly been taken up by humanists and social scientists, even though both terms were invented by atmospheric chemists. So at first glance, Gaia is the older term, etymologically, conceptually as well as biogeochemically. Yet both labels have their own histories, which reach back decades and centuries. By exploring the histories of the two terms' histories, this presentation considers how historians and scientists view the past differently. A comparison between proposed turning points of environmental history and proposed starting dates of the Anthropocene is a revealing journey about how historians and earth scientists come to different conclusions with the same evidence. Historians search for changes in society, whereas stratigraphers look for changes in the rocks. Can combining their seemingly irreconcilable approaches provide a better understanding of the earth as modified by human action?

Session 1 - COASTAL ENVIRONMENTS: USES, PROBLEMS AND CHALLENGES

Chair - João Alveirinho Dias

ORDENAMENTO TERRITORIAL NO LITORAL SUL SERGIPANO E AS REFLEXÕES SOBRE O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

Lillian M^a de Mesquita Alexandre¹ e Hélio Mário de Araújo²

¹ Núcleo de Turismo. Universidade Federal de Sergipe. Br.

lillianmesquita.aju@gmail.com

² Departamento de Geografia. Universidade Federal de Sergipe. Br.

heliomarioaraujo@yahoo.com.br

O turismo é um fenômeno social, complexo e diversificado tanto que, devido a sua abrangência, hoje não se idealiza o turismo apenas como atividade de lazer,

mas também permite a inserção de novas formas de analisá-lo, mobilizando pessoas pelos mais variados motivos para os mais diversos destinos. Assim, o objetivo do trabalho foi identificar o potencial do Litoral Sul Sergipano para o Turismo de Base Comunitária, pontualmente nos municípios de Itaporanga D’Ajuda, Estância, Santa Luzia do Itanhy e Indiaroba, aonde este vem passando por um processo de reestruturação, ocasionado por intervenções públicas e privadas, o que torna necessário analisar suas potencialidades, vulnerabilidades e limites e os reflexos deste para as ações de ordenamento territorial. Foi utilizado como base de pesquisa a descritiva, partindo da análise de documentos de fonte primária e secundária e pesquisa de campo, utilizando-se do método fenomenológico para análise da realidade local encontrada. Considerando que o turismo, em qualquer de suas formas de expressão e intervenção, interfere na dinâmica socioambiental de qualquer destino, o turismo de base comunitária só poderá ser desenvolvido se os protagonistas deste destino forem sujeitos e não objetos do processo. Neste caso, o sentido de comunitário transcende a perspectiva clássica das “comunidades de baixa renda” ou “comunidades tradicionais” para alcançar o sentido de *comum*, de *coletivo*. O turismo de base comunitária, portanto, tende a ser aquele tipo de turismo que favorece a coesão, o laço social e o sentido coletivo de vida em sociedade.

PARA UMA ARQUITECTURA DO MAR: CONTRIBUTO PARA UMA METODOLOGIA DE INTERPRETAÇÃO INTEGRADA DAS ÁREAS COSTEIRAS

Ricardo Jorge de Almeida Ribeiro e Eduardo Francisco Durão Antunes
CIAUD- Centro de investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design, FA-
ULisboa- Faculdade de Arquitetura. Universidade de Lisboa. Pt.
ricardoribeiro@fa.ulisboa.pt; eduardoantunes.ciaud@fa.ulisboa.pt

Em Portugal, a ocupação urbana do litoral esteve, numa fase inicial, confinada a uma fisiografia, clima e solo propícios à instalação das actividades humanas, associada à exploração dos recursos do mar, que era completada por uma economia de subsistência ligada à terra. Com a introdução de mecanismos de produção industrial e o conseqüente desenvolvimento de uma economia liberal no século XX, este sistema de exploração integrada, designe-se assim, ultrapassou o âmbito local, numa progressiva perda de identidade cultural por parte das comunidades envolvidas nesse sistema, tornando-se incompatível com os processos naturais de transformação da paisagem.

Tentando compreender as causas e efeitos deste fenómeno, no que diz respeito aos factos urbanos, torna-se necessário desenvolver uma análise histórica e evolutiva das transformações ocorridas a nível social, económico, político e,

também, ambiental na paisagem, tendo sempre em conta as necessidades humanas de apropriação cultural e biológica dos recursos disponíveis.

Neste contexto, a arquitectura pode ser entendida como condição e testemunho desse processo de apropriação, como elemento físico constituinte da paisagem e como valor da urbanidade que daí resulta, tornando-se uma referência histórica (de permanência temporal) e sintomática (de relação emocional e afectiva) culturalmente reconhecida.

Neste sentido, pretende-se, na presente proposta de comunicação, dar a conhecer uma metodologia de interpretação integrada das áreas costeiras com base na sua arquitectura, segundo uma abordagem *morfolotipológica*, isto é, de caracterização simultaneamente morfológica (relativa à forma urbana) e tipológica (relativa à regra constitutiva dessa forma).

Tratar-se-á de descrever um conjunto de etapas metodológicas, comparando diferentes fontes de informação (nomeadamente cartografia histórica e militar, dados de recenseamento demográfico e ocupação e uso do solo, bem como relatórios de caracterização biofísica) e escalas de abordagem, (regional, urbana e local), que possibilitem interpretar de forma integrada a ocupação urbana do litoral, atendendo às suas especificidades territoriais e enquadramento da cultura local.

APROXIMAÇÃO AO ESTUDO DA LITORALIZAÇÃO DE PORTUGAL: DA FORMAÇÃO DO REINO AO FINAL DO REINADO DE D. DINIS

Maria Rosário Bastos¹ e João Alveirinho Dias²

¹ Universidade Aberta. Delegação do Porto, Porto. Pt. Maria.Bastos@uab.pt

² CIMA - Centro de Investigação Marinha e Ambiental. Universidade do Algarve. Faro. Pt. jdias@ualg.pt

Os litorais abrigados (estuarinos e lagunares) foram precocemente ocupados pelo Homem (ou mesmo pelos seus ancestrais) enquanto os litorais expostos (em “mar aberto”), só foram alvo de ocupação no período contemporâneo e, mais intensamente, a partir de meados do século XX. Esta é uma ideia propalada por alguns investigadores que defendem, com toda a lógica, que as populações se afastavam de litorais por várias ordens de razão: eram vulneráveis a eventos naturais extremos (*storme surges*, tempestades, maremotos ...) e à ameaça humana que vinha do oceano (invasões, corso e pirataria ...); isto para além de se configurarem como territórios de difícil exploração, mercê das fortes amplitudes térmicas que registam, da rebentação que dificulta a passagem para o mar aberto e da pobreza dos solos inapropriados para agricultura. Assim, estas zonas teriam sido desde sempre evitadas, mesmo com a reorganização portuária decorrente da

industrialização e com a mais ou menos consentânea descoberta das virtudes terapêuticas dos banhos de mar. Na verdade, o modelo manter-se-ia até meados do século XX quando se verificou uma intensificação do transporte intercontinental por via marítima, a democratização da praia e o advento do turismo balnear em massa. Muito bem! Todavia, que saibamos, não existe ainda nenhum estudo que, a partir de fontes históricas, confirme (ou não) o modelo *supra* ou que assinala as exceções devidas (a serem verificadas). Por isso, decidimos começar pelo princípio, pois então, e a partir dos chamados dos Forais Velhos e data de outorga dos mesmos por partes dos monarcas (ou condes portugalenses), assinalar a localização das terras que os recebiam e a sua distância em relação ao litoral coevo. Este pode bem ser um primeiro indicador que nos permita aferir não só a litoralização do território que viria a ser Portugal, como os ritmos de organização (hoje diríamos ordenamento) do mesmo.

TRADITIONAL KNOWLEDGE AS A CONTRIBUTION TO CLIMATE CHANGE MITIGATION AND ADAPTATION: THE CASE OF THE PORTUGUESE COASTAL POPULATION

Joana Gaspar de Freitas¹ Maria Rosário² e João Alveirinho Dias³

¹IELT, FCSH - Universidade NOVA de Lisboa e CH-ULisboa - Centro de História, FL - Universidade de Lisboa. Pt.

jgasparfreitas@gmail.com

² Universidade Aberta. Delegação do Porto, Porto. Pt. Maria.Bastos@uab.pt

³ CIMA - Centro de Investigação Marinha e Ambiental. Universidade do Algarve. Faro. Pt. jdias@ualg.pt

Climate change is responsible for mean sea level rise. Coastal flooding and erosion put at risk the infrastructures and activities that humans have been developing in the littoral mainly during the twentieth century. Perceptions about this space changed and people forgot that coasts are instable and dangerous territories. Solutions to mitigate the impacts of climate change in coastal zones are now being searched. Looking back, to the past, can help. For centuries fishing communities developed strategies to survive in this hostile environment. Their ecological traditional knowledge and ways of life can provide practical information to the present challenges. The last IPCC report recognizes that local and traditional knowledge, being a major resource in response to climate change, have not been used consistently. This is in part due to the lack of studies. The aim of this communication is to address the case of the Portuguese fishing populations to show how they developed coping practices using the available resources and simple technical means. Fishermen's key strategies included particular architecture forms, different activities according to seasons and specific

local knowledge that allow them to recognized climate and coastline changes. Their lessons are compared to mitigation and adaptation measures being proposed nowadays. This allows to establish which ones are more suited to the Portuguese coast specificity and therefore will probably be more effective. Also, the recovery of the cultural heritage about the risks of living in the coast is useful to prepare coastal communities to be more aware of the future changes and to the need of building a more sustainable development.

Session 2 - CLIMATE CHANGE

Chair - Ulisses Azeiteiro

A ANOMALIA CLIMÁTICA MEDIEVAL (ACM) E A SUA RELAÇÃO COM O POVOAMENTO E A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO EM Portugal

Mário Viana

Universidade dos Açores e IEM, FCSH - Universidade NOVA. Pt.

mario.pm.viana@uac.pt

Num estreito diálogo entre a geografia e a história (envolvendo mais especificamente história do povoamento, história rural e história do clima), esta comunicação incide sobre três pontos principais: 1. alguns aspetos gerais da influência da Anomalia Climática Medieval ao nível ibérico nos séculos X a XIV; 2. relação entre a ACM, o povoamento e a a organização do espaço em Portugal; 3. análise particularizada do Vale do Tejo, principalmente no território entre Santarém e Lisboa. Neste último ponto, embora a perspetiva de estudo seja diacrónica, a base documental compulsada repousa principalmente sobre os séculos XIII e XIV, prestando-se uma particular atenção aos testemunhos toponímicos.

THE CLIMATE AS A HISTORICAL VARIABLE. A REFLECTION ON THE LITTLE ICE AGE (LIA) IN SPAIN

Armando Alberola Romá

Universidad de Alicante. Sp. armando.alberola@ua.es

The Little Ice Age (LIA) was a global climatic phenomenon that occurred between 1350 and 1880 and, in its most acute phase, coincided with the Modern Age. It was characterized by great variability, irregularity and meteorological extremism, worsening climatic conditions, an increase in precipitation, a decrease of 1 ° C-2 ° C in average temperatures and an increase in the frequency of very cold winters on the European continent, Iberian Peninsula included. The

elaboration of a proxy for the XVI-XVIII centuries, based on qualitative documentary sources, allows us to verify that in Spain there was great thermal and hydrological variability that affected the agricultural production and the living conditions of the population. To consider the climatic oscillations as a historical variable more, and to add its study to the one of the most classics, undoubtedly contributes to improve the economic and social knowledge of this historical period.

AMENAZAS HIDROMETEOROLÓGICAS EN LA CIUDAD DE MÉXICO EN EL SIGLO XVIII

Adrián García Torres

Grupo de Investigación en Historia y Clima. Universidad de Alicante. Sp.

adrian.garcia@ua.es

En el siglo XVIII, inserto en la denominada *Pequeña Edad del Hielo*, se desarrollaron tres oscilaciones climáticas que afectaron a los territorios de América del Norte. En los primeros años del Setecientos se vivieron los momentos finales del *mínimo de Maunder* (1645-1715), vinculado a la disminución de las manchas solares, que derivaron en crudos inviernos y en un descenso medio de temperaturas de hasta 2 grados centígrados. Desde la década de los sesenta y hasta el cierre de la centuria, las condiciones climáticas se agravaron con una nueva oscilación de origen Atlántico marcada por el aumento de los episodios de signo extremo. Coincidiendo con su presencia, acontecieron los años de mayores dificultades en México, con la crisis de mediados de la década de los ochenta como momento más álgido. A caballo de estos años de desdichas, arrancó el *mínimo de Dalton* (1790-1820), otro momento de descenso de la actividad solar.

Partiendo de esta base, el objetivo de esta contribución consiste en definir los eventos hidrometeorológicos extremos que acontecieron durante las oscilaciones expuestas, tomando como territorio de estudio el Valle de México y como muestra de análisis, la Ciudad de México, ya que esta era la capital del Virreinato de Nueva España y una de las ciudades más importantes de la Corona española en América. Para ello, utilizaremos uno de los indicadores para el conocimiento del clima durante el período preindustrial: la celebración de rogativas durante el ciclo agrícola ante la escasez de lluvias, el exceso de las mismas o la aparición de heladas extemporáneas. La documentación utilizada procede de las Actas del Cabildo de la ciudad, del Cabildo Catedralicio y de la prensa escrita. Además de localizar estas ceremonias y su cronología específica, aplicaremos la metodología de la climatología histórica con el fin de establecer los períodos de mayor gravedad.

CONFERENCE

TURNING TO PLANTS: TOWARDS A PHYTO-GNOSIS

Patrícia Vieira

Georgetown University. USA. Pt. piv2@georgetown.edu

Plants have been consistently relegated to the outskirts of Western thought. Philosophy has historically focused on the study of human beings, foregrounding what distinguishes us from animals, our closest evolutionary relatives. Plants are usually regarded as imperfect, ontologically lacking the characteristics that render animals superior, including movement, intentionality, or the ability to communicate. Similar to philosophy, literature has also treated plants as little more than a background for human-centered action or, at most, as objects upon which we can project our emotions. In recent years, however, the view of plants as passive beings has increasingly come into question. Research in plant biology has shown that flora has a particular behavior, intelligence and a language of its own. Philosophical studies, for their part, have revealed that plants have their own way of being-in-the-world, a mode of existence as complex as that of animals. And the rise of ecocriticism in literary studies has unearthed new approaches to the aesthetic representation of plants that do not regard vegetal being as dependent upon human agency. This talk will focus on these novel approaches to plant life, a veritable “turn to plants.” We will tease out what we can learn from the rootedness of flora and discuss the contours of a phyto-gnosis that appreciates our attachment to planet Earth, a view sorely needed at a time of rampant environmental destruction.

Session 3 - LAND USE I

Chair - Luís Espinha da Silveira

SOCIOECOLOGICAL LEGACIES OF THE COFFEE PRODUCTION CYCLE IN THE BRAZILIAN SOUTHEASTERN ATLANTIC RAIN FOREST LANDSCAPE IN THE 19TH AND 20TH CENTURIES

Alexandro Solórzano, Adi Lazos, Joana Stingel, Gabriel Paes e Rogério Oliveira
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Br. alexandrosol@gmail.com;
adi.lazos@puc-rio.br; joanastingel@hotmail.com; paes.gabriel@hotmail.com;
rro@puc-rio.br

The Paraíba do Sul Valley, located in the southeastern portion of the Brazilian Atlantic Rainforest Biome, produced the largest amount of coffee for export in the country during the 19th century. Coffee production counted primarily on the

abundance of land coupled with slave labor. This complex system was immersed in a larger context of forest clearing, road networks connecting coffee farms to commercial ports, the use of mules as main transportation form, and a power structure that maintained the coffee production system well in operation. However, with the abolition of slavery, land depletion and the global economic crisis, the coffee cycle rapidly declined, resulting in socioecological consequences such as soil erosion, impoverishment, population migration and climate change due to marked deforestation. After coffee production the next most important economic activity was extensive cattle grazing, which brought the introduction of exotic pastures and a completely different culture. The landscape composed of thousands of coffee shrubs became a "sea of bare hills" with forest fragments scattered, especially in the steepest parts of the terrain. The study of environmental history, analyzing forest remnants structure and composition, exploring ancient road networks and interviewing present settlers, offer clues to recognize the overlapping uses hidden in the landscape, as well as the socioecological legacies of the coffee production era. This allows us to formulate a perspective for the future of the region by learning lessons from the past.

O PROCESSO HISTÓRICO DE DEVASTAÇÃO DA GRANDE FLORESTA DO BRASIL CENTRAL, MATO GROSSO DE GOIÁS, E OS IMPACTOS SOBRE A BIODIVERSIDADE

Vívian da Silva Braz¹ e Sandro Dutra e Silva²

¹Universidade Estadual de Goiás. Br. vsbraz@gmail.com

²Universidade Estadual de Goiás e Centro Universitário de Anápolis. Br. sandrodutr@hotmail.com

A região conhecida como Mato Grosso de Goiás compreendia uma grande área florestal, inserida no bioma Cerrado no centro-sul do estado de Goiás, Brasil. Este ecossistema foi devastado por atividades agropecuárias em meados século XX, no contexto das políticas de interiorização do Brasil, e dessa paisagem atualmente restam poucos fragmentos. O termo “Mato Grosso de Goiás” foi empregado pelos naturalistas como Saint-Hilaire e Pohl, no século XIX. A partir da primeira metade do século XX, a ocupação dessas áreas ganhou escala em decorrência do fluxo migratório atraído por diversas ações do Estado. Estima-se hoje que os remanescentes representem menos de 5% da área original. Apesar do alto grau de destruição e da pressão sob os ambientes nativos, são escassos os estudos na região. O procedimento metodológico adotado nessa pesquisa fundamentou-se em análise documental, sob a ótica da História Ambiental. Devido à exuberância da floresta e ao acesso por caminhos existentes desde o período colonial essa região foi alvo de interesse de naturalistas desde o início do

século XIX, como Auguste de Saint-Hilaire e Emmanuel Pohl. Por ali passaram ainda Johan Natterer em 1893 e mais recentemente em 1934 uma expedição do Museu Paulista, liderada pelo ornitólogo Olivério Pinto, resultando em uma importante documentação da fauna regional. As observações e resultados das expedições revelam uma região peculiar e particularmente rica, com uma grande diversidade de flora e fauna. Estudos atuais nos remanescentes revelam extinções locais de espécies já ocorridas em consequência da destruição do habitat nativo. A documentação da diversidade ali existente é uma forma de compreender os processos de desmatamento e de transformação ambiental dessa região. Este estudo contribui com a compreensão do que é o MTG em termos de biodiversidade e do seu processo histórico de devastação, além de sugerir ações que visem a conservação dos seus remanescentes.

Session 4 - CONSERVATION, SCIENCE AND POLICIES I

Chair - Luís Cancela da Fonseca

PARQUES NATURALES Y DICTADURA. BAETA NEVES Y LA CUESTIÓN DE ARRÁBIDA EN PORTUGAL

Ignacio García Pereda

IHC-CEHFCI-Universidade de Évora. Pt. ignnaccio@hotmail.com

En 1948 fue creada en Portugal la “Liga para a Protecção da Natureza”. Su primer presidente, el entomólogo e ingeniero de montes Carlos Manuel Baeta Neves, colocó como una de las primeras prioridades la creación de área protegidas en Portugal continental. Una de las zonas que absorbieron más atención en los primeros años de actividad de la Liga fue la sierra de Arrábida, entre las ciudades de Setubal y Sesimbra. En agosto de 1971, tras 23 años de campañas y activismo, el gobierno decidió crear la Reserva de Arrábida; un estudio detallado de los debates parlamentares y de la prensa agraria permitirá entender los juegos políticos establecidos, en buena parte por ingenieros de montes y agrónomos, para llegar a este avance legislativo.

THE ROLE OF PALEOECOLOGICAL STUDIES IN THE ESTABLISHMENT OF CONSERVATION STRATEGIES: A VIEW FROM THE PORTUGUESE ARCHAEOBOTANICAL RECORD

João Pedro Vicente Tereso, Luís Seabra, Ana Jesus, Cláudia Oliveira, Leonardo da Fonte e Filipe Costa Vaz

InBIO - Rede de Investigação em Biodiversidade e Biologia Evolutiva. Pt.

jptereso@gmail.com

The distribution of plants and animals in the past differed from the present. This was not only due to broad climatic changes but also human pressure, among other factors. Paleoecological studies can provide important insights into such changes. In this communication, several examples will be given of how the study of plant distribution throughout the Holocene can provide information that must be taken into account when establishing conservations strategies.

The study of past plant distribution in Portugal has been addressed through palynological, anthracological and carpological studies. These studies have demonstrated the autochthonous character of species previously considered to be exotic, such as *Pinus pinaster*, *Pinus pinea* and *Castanea sativa*. The past distribution of these and other species varied according to environmental changes and both direct and indirect actions by humans, leading to their present-day distribution direct and indirect actions. We argue that systematic environmental records are recent and many ongoing ecological processes precede these, thus only through data collected from longer time series can these be understood. As such, conservation strategies should not ignore paleoenvironmental data.

Session 5 - LAND USE II

Chair: Luís Espinha da Silveira

AS EXPLORAÇÕES DOS RECURSOS MINERAIS NA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM INDUSTRIAL ALENTEJANA: DA PIRITE DE S. DOMINGOS AO MÁRMORE DO ANTICLINAL DE ESTREMOZ

Armando Quintas¹ e Vanessa Alexandra Pereira²

¹CIDEHUS-Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades.

Universidade de Évora e CECHAP- Centro de Estudos de Cultura, História, Arte e Património. Pt. armando.quintas@gmail.com

²IHC-Instituto de Historia Contemporânea. FCSH-Universidade NOVA de Lisboa. Pt. vanessa.alexandra.atpereira@gmail.com

O Alentejo, frequentemente conotado com a actividade agrária, conheceu a partir de meados de oitocentos, alguns focos de industrialização, destacando-se em

grande medida as explorações de minerais, que durante o século XIX se desenvolveram em torno das pirites do Baixo Alentejo, e no século XX dos mármorees do Anticlinal de Estremoz.

No respeitante à pirite, a liderança foi assumida pela mina de S. Domingos, no concelho de Mértola, que em plena Faixa Piritosa Ibérica, proporcionou em 112 anos (1854-1966) a extracção de cerca de 25 milhões de toneladas, destinadas à industrialização do norte da Europa, tornando-se assim num grande potentado da mineração de cobre e enxofre.

No que concerne ao mármore, a sua actividade desenvolveu-se a partir dos anos vinte do século passado, e estendeu-se pelos concelhos que compõem o Anticlinal – Borba, Estremoz e Vila Viçosa, de onde se tem extraído há quase um século, milhares de toneladas com destino aos mercados mundiais, levando à afirmação deste território ao nível mundial.

Ambas as actividades constituem casos de industrialização singular em contexto rural, despoletadas por investimentos estrangeiros. Estes, conjugando ciência e técnica, com novas formas de explorar, novas tecnologias e grandes capitais (galerias em grande profundidade, poços, vapor, explosivos, crédito bancário, etc..) rapidamente intensificaram a produção, originando uma transição acentuada de paisagens agrárias para paisagens industriais, alterando por completo, quer a base económica, quer os usos do solo.

No entanto, à medida que as produções destas concentrações industriais foram parando, as marcas na paisagem, tornaram-se mais evidentes, nas alterações do solo, subsolo e envolventes, sobressaindo os esventramentos, a permanência de escórias e escombreciras bem como o abandono das estruturas produtivas.

Estes problemas constituem hoje grandes desafios, cuja resolução deve tomar em consideração o conhecimento aprofundado da evolução das suas dinâmicas históricas e territoriais, como forma de compreender e valorizar o território, quer pela racionalização industrial quer pelas iniciativas culturais e turísticas, dentro de uma reflexão que englobe território, indústria, ambiente e memória.

OS PAUIS DE ALICANTE (ESPANHA) E DO BAIXO MONDEGO (PORTUGAL) AO LONGO DO SÉCULO XVIII

Margarida Sobral Neto¹ e Francisco José Abellán Contreras²

¹ CHSC-Centro de História da Sociedade e da Cultura. FL – Universidade de Coimbra. Pt. mneto@fl.uc.pt

² Universidade de Alicante. Sp. fj.abellan@ua.es

Fernand Braudel na obra “O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico no tempo de Filipe II” escreveu: “O Homem do Mediterrâneo sempre esteve em luta contra os baixios: uma batalha mais difícil que contra a floresta e os matagais, e

que constitui a verdadeira originalidade da sua história rural. Tal como a Europa do Norte se constituiu, ou, pelo menos, expandiu à custa das florestas, o Mediterrâneo encontrou nas planícies as suas zonas de expansão, as suas Américas interiores”.

A transformação das planícies em zonas salubres e produtivas, em “Américas interiores”, implicava, no entanto, a implantação e manutenção de infraestruturas drenagem de campos o que exigia um investimento contínuo de capitais.

Tanto na região do Baixo Mondego, entre Coimbra e Figueira da Foz, como na província de Alicante existiram vastas áreas pantanosas que, ao longo da época moderna, foram objeto de projetos de drenagem.

No caso de Alicante, destaca-se o projeto colonizador, de iniciativa do Cardeal Belluga (1662 – 1743), que, graças à ajuda financeira do rei Filipe V, se concretizou na transformação de zonas insalubres do Sul de Alicante em terras povoadas e produtivas.

Pela mesma altura, em Portugal, na região do Baixo Mondego, retomavam-se os estudos que visavam o encanamento do rio Mondego, o principal responsável pela existência de vastos paus não agricultáveis.

As grandes casas senhoriais, nomeadamente o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e o Cabido, não se mostraram, no entanto, disponíveis para reinvestir capitais resultantes das rendas cobradas na região do Baixo Mondego nas obras tendentes à canalização da água do rio que se espraiava pelos campos, sobretudo em tempos de cheias.

Por sua vez, o monarca, D. João V, em tempos de ouro do Brasil, limitou-se a apoiar os estudos, não prestando ajuda financeira aos trabalhos de drenagem.

Nestas circunstâncias, a luta contra as águas traduziu-se num insucesso, condicionando a intensificação do povoamento e o aumento da produção agrícola.

Em face do atrás exposto, propomo-nos fazer um estudo comparativo entre circunstâncias e problemas decorrentes da existência de zonas de paul nos campos de Alicante e do Baixo Mondego, comparando igualmente os resultados dos projetos de drenagem planeados e concretizados em ambas as regiões.

A PAISAGEM MARCADA PELA TRILOGIA – CEREAL, MOAGENS E SILOS: O CASO ALENTEJANO

Ana Cardoso de Matos¹ e Armando Quintas²

¹ Departamento de História da Universidade de Évora; CIDEHUS-Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades. Universidade de Évora. Pt. anacmatos@mail.telepac.pt

² CIDEHUS-Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades. Universidade de Évora e CECHAP- Centro de Estudos de Cultura, História, Arte e Património. Pt. armando.quintas@gmail.com

A partir de finais do século XIX, na sequência da valorização da produção cerealífera e das leis proteccionistas (leis de 1889 e 1899) e da “Campanha do Trigo” (1929), verificou-se no Alentejo um importante desenvolvimento da produção de trigo, quer através da reconversão de culturas já existentes, quer do arroteamento de novas terras. De tal modo foi importante este movimento que a partir dos finais do século, a paisagem se alterou profundamente, desaparecendo os matos, os incultos e a própria charneca e o Alentejo passou a ser caracterizado por campos abertos dedicados ao cultivo do trigo, entrecortados por manchas de montados de sobreiro e azinho.

Foi também em fins de oitocentos que surgiriam as grandes fábricas de moagem, que caracterizadas pela sua altura e existência de vários andares devido à utilização do sistema austro-húngaro, passaram a ser elementos de destaque na paisagem urbana e rural.

Entre os finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX, foram construídas, em praticamente todos os centros urbanos do Alentejo, fábricas de moagem que normalmente se situavam junto às linhas de caminho de ferro ou de grandes vias rodoviárias, para assegurar um melhor escoamento dos seus produtos.

Outro tipo de estruturas que passou também a marcar a paisagem do Alentejo, foram os imensos silos surgidos a partir da década de 1930 para armazenamento das crescentes produções cerealíferas.

Assim, lado a lado com outros elementos característicos desta região como o montado, surgiu no Alentejo uma paisagem marcada pela cultura do cereal, pelas grandes fábricas e silos, que embora apenas tenha origem nos finais de oitocentos, entrou no imaginário colectivo e popular com intensidade tal, como se uma paisagem tradicional de origem milenar se tratasse.

O objectivo desta comunicação é analisar a interpeleção entre a transformação da paisagem alentejana, o aumento da produção cerealífera e o aparecimento das grandes construções de transformação e armazenamento de cereal.

EARLY MODERN PERCEPTIONS AND EXPLOITATION OF MARINE ANIMALS: USES, ECONOMIC IMPORTANCE AND ECOLOGICAL EFFECTS

Nina Vieira¹, Cristina Picanço² e Cristina Brito³

¹CHAM- Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar, FCSH-Universidade NOVA de Lisboa; Universidade dos Açores; APCM-Associação Para as Ciências do Mar, Lisboa. Pt. ninavieira.pt@gmail

²-Associação Para as Ciências do Mar, Lisboa e CIUHCT- FCUL, Universidade de Lisboa.Pt. cristina.picanco@gmail.com

³CHAM- Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar, FCSH-Universidade NOVA de Lisboa; Universidade dos Açores e APCM-Associação Para as Ciências do Mar, Lisboa. Pt. escolademar@gmail.com

Marine animals and their products abound in historical documents of the Portuguese Expansion. They accompanied the maritime travels, several times as signs, indicating the proximity to shore or as symbols of bad omen or as source of food. Their ecologic characteristics were known by Portuguese mariners and travellers, and soon by merchants and settlers. From currency trading to butter and oil, animals like manatees, turtles, hippos, whales, fishes and seabirds were seen as valuable resources to the Portuguese crown, not only in the establishment of the empire overseas as also within Atlantic trading dynamics. All of these actors perceived and interpreted the marine animals in different forms, according to the context and the necessity. In this paper we will discuss the first perceptions towards those animals and their importance, their uses and values, as also the knowledge transfer and circulation, for and from native people and colonizers. Starting in the first maritime voyages of the 15th and 16th centuries, with the world giving its first steps to the globalization, learning new species of flora and fauna, and exchanging plants and animals between Europe and the new world, our research will focus on Portuguese maritime voyages and territories of Atlantic and Indian Ocean. Within the context of environmental history, we will analyse the relation between humans and nature, in this particular case marine living resources, and its effects both for maritime communities and animals populations. We will also discuss the emergence of first “conservation” concerns that were, in fact, attempts for the management of those valuable resources, that by the late 18th century were disputed by different European nations, and whose populations were possibly facing major effects from two centuries of commercial exploitation.

REFLEXÕES SOBRE A PAISAGEM COMO UMA CONSTRUÇÃO NÃO-ANTROPOCÊNTRICA

Carolina Alves d'Almeida

Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas (HCTE).
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Br. etocarol@ufrj.br

Com os novos espaços ontológicos abertos pelos estudos sociais e culturais das ciências tornou-se possível repensar o estatuto ontológico dos animais e atribuir agência ativa ao mundo e aos objetos, permitindo refletir sobre quem constrói paisagens e como são construídas. Pretendo neste trabalho suscitar reflexões sobre a Paisagem como construção não-antropocêntrica. A Paisagem é formada pelo processo de vida que envolve a interação do corpo com o ambiente ao longo do tempo. Pode ser construída culturalmente através do trabalho, habitação, interação e envolvimento do agente com a realidade física. Na perspectiva relacional, a paisagem arqueológica é materialização dos afetos e relações (entre multiplicidades de atores, humanos e não-humanos) no decorrer do tempo. Pode ser concebida como ‘um processo histórico cristalizado’, como uma história das vivências de povos passados, ou como ‘texto ou discurso concreto e materializado’. Quando reconhecemos a capacidade dos animais de produzirem cultura material, podemos conceber que eles também constroem paisagens. As paisagens também podem ser híbridas, construídas por humanos e não-humanos em ‘sociedades-híbridas’, onde compartilham espaços ecológicos e socioculturais. Em cosmovisões animistas e totemistas, as paisagens também são associadas metaforicamente com corpos ou pensamentos, podendo ser agentes/atores, bem como podem ser lugares (ou *não-lugares*) fronteiriços. A paisagem se assemelha aos “mundos-próprios”, de Jakob Von Uexküll, dotados de significado e constituídos através dos diferentes modos dos sujeitos-animais apreenderem o ambiente, que variam de acordo com suas particularidades biológicas e seus aparatos perceptivos. A experiência de tempo, que varia para cada espécie, é fundamental para seus automundos. As paisagens, como os mundos-próprios, dependem da experiência sensorial com o ambiente num tempo particular, e podem ser construídas ‘ideacionalmente’ na atribuição de significados. Se a paisagem é mundo-próprio, ela pode ser construída por seres de diferentes espécies. Nesse sentido, podemos conceber as paisagens como ambientes socialmente construídos por humanos e não-humanos?

5TH MAY 2017

SCHOOL OF ARTS AND HUMANITIES OF THE UNIVERSITY OF LISBON

**Round Table I – ENVIRONMENT HISTORY AS A
METHODOLOGICAL PROCESS:
A CALL FOR A COMMON PROJECT**

Inês Amorim (coordinator)

CITCEM - Transdisciplinary Research Centre «Culture, Space and Memory».

Faculty of Arts. University of Porto. Pt. inesamorimflup@gmail.com

It has become true among scholars that Portuguese environmental history has grown up. The last two years reflected several initiatives (see network REPORTHA) and interdisciplinarity is a nuclear keyword. Some of the authors are historians but most of them are from social sciences and others are natural scientists.

The methodological comparative perspective can be a good observatory to discuss scales of approach between scientific areas, researcher's paths and the use of typologies of sources and archives. Are these approaches methodologically different? Historical environment is only a case of time scale? History is only a case of "operational utility"? What is lost and what can be gained in developing regional approaches?

A debate about methodologies and issues, sources of information, the mobilization of archives, the cross-fertilization of information and experience can do much. What is important to emphasize is that environmental history cannot be (just) a set of case studies, but a fundamental challenge to our understanding of history

Our purpose is to discuss these issues, to evaluate the nature of the sources of information and their producers, methodologies and, eventually, to engage an Environmental History of Portugal, believing that «our task is to historicize nature rather than to naturalize history». This could well be a joint project of the Portuguese Network of Environmental History (REPORT(H)A).

FONTES PARA O ESTUDO DAS VARIAÇÕES CLIMÁTICAS E DOS EXTREMOS HIDROMETEOROLÓGICOS, EM PORTUGAL, NA ÉPOCA MODERNA

Luís Sousa Silva

CITCEM - Transdisciplinary Research Centre «Culture, Space and Memory».

Faculty of Arts. University of Porto. Pt. pedrosilva1099@hotmail.com

No presente estudo, pretendemos apresentar algumas das fontes disponíveis para o estudo das variações climáticas e dos eventos hidrometeorológicos extremos, em Portugal, no período anterior à criação da rede organizada de estações meteorológicas e à sistematização das observações instrumentais (meados do séc. XIX). Apresentaremos as potencialidades e as limitações de um conjunto alargado de fontes antrópicas, designadamente, fontes documentais (memórias, registos de contabilidade, correspondência, acórdãos, etc.), instrumentais (dados numéricos de temperatura, precipitação, pressão atmosférica, etc.) e materiais (gravuras, vestígios arqueológicos, etc.), e analisaremos os vários tipos de informação de interesse meteorológico que podemos extrair de cada uma delas, bem como os cuidados a ter na sua utilização.

Este trabalho tem por base a experiência acumulada ao longo do projecto de investigação “Reconstrução e simulação do clima de Portugal a partir de fontes documentais e instrumentais do séc. XVII ao séc. XIX (KLIMHIST)”, com a referência FCT, PTDC/AAC-CLI/119078/2010 (2012-2015), assim como, um projecto de doutoramento, em curso, com início em 2015 e data prevista de conclusão em finais de 2018, sobre o mesmo tema. No decurso destes projectos, foram consultadas, em arquivos e bibliotecas do Norte de Portugal, mais de três milhares de fontes, em vinte e seis arquivos e sete bibliotecas, sendo possível avançar, desde já, algumas conclusões significativas.

TERRITORY AND ECOSYSTEMS AS SOURCES: USES OF TREES AND WATER, RESOURCES FRUITION, SPATIAL TRANSFORMATION, MUDDLING AND ORGANIZATION

Cristina Joanaz de Melo

IHC-Instituto de História Contemporânea. FCSH-Universidade NOVA de

Lisboa. Pt. cristina.joanaz@eui.eu

Sources as they absence are key factors for narrative telling and historical interpretation. But when written information misses, how can the whole be filled in? The transition from Ancient Regime to Liberalism often raises this question for the abolishment of privileges replaced former crimes into rights allowing free

access to natural resources.

Thus, is my intention to approach the story of landscape proposing that the mosaic of elements that compose the territory provide us information of continuity of practices in the landscapes and waterscapes manipulation, management, uses as also of their changes. The interaction performed between man and nature points out new leads for archives research, the written sources.

Assuming the starting point - from the landscape to written documents -, I intend to analyze waterscapes and arid ecosystems transformation into areas of woods and forest production considering scale of intervention in Portugal in the 19th century, using national trees as other species from the Empire in four dimensions:

-Trees as singular elements of the exotic in the gardens – The evangelic and imperial paradigm: reciprocal transferences with the elements of the far lands in the gardens.

-Tree as objects of scientific experiments with the paradigm of goodness, intervention to improve human lives and health problems in the Portuguese 19th century

-Once Science has developed the maximum potential of trees species outputs, the economic paradigm of creating forests to produce income – the blessing of economy

Questioning how and when, species introduced to produce good, became dangerous, invasive – from economic to ecologic and environmental?

Session 7 - WATER – HISTORY, SCIENCE AND TECHNOLOGY

Chair - Inês Amorim

FONTES PARA A GEOGRAFIA DA ÁGUA NA ÁFRICA AUSTRAL. ANÁLISE PRELIMINAR E CONTRIBUTO DA DOCUMENTAÇÃO PORTUGUESA DOS SÉCULOS XVI-XVII

Ana Cristina Roque

CH-ULisboa – Centro de História. FL- Universidade de Lisboa. Pt.

anaroque1@campus.ul.pt

Em 2016, nas comemorações do dia Mundial da Água (22 de março) a Diretora-geral da UNESCO, Irina Bokova, na sua intervenção, justificou o lugar central que a água ocupa na nova Agenda 2030, sublinhando que mais de 700 milhões de pessoas continuam sem acesso à água, que muitos países em desenvolvimento estão localizados em regiões de stress hídrico e correm risco de serem severamente afetados pelas alterações climáticas e que, em simultâneo, a procura

de água é cada vez maior.

A água, essencial à vida e ao desenvolvimento, tem por isso vindo a ser motivo de atenção particular e investigação. E, cada vez mais, essa investigação assume um carácter transdisciplinar, apelando a uma conjugação de saberes e tecnologias e privilegiando uma abordagem mais centrada na relação comunidades humanas / ambiente e na valorização de saberes e práticas tradicionais ligadas à gestão dos recursos hídricos.

Neste contexto, fazendo uso da documentação portuguesa dos séculos XVI-XVII, pretende-se chamar a atenção para a importância que pode ter a recuperação da informação histórica sobre a água na África Austral, tanto na perspetiva das disponibilidades hídricas e usos regionais quanto na das alterações decorrentes da presença europeia, em particular nos séculos XVI-XVIII, antes da consolidação dos impérios coloniais.

Esta intervenção inscreve-se assim na discussão sobre a importância da informação histórica sobre a água e as formas de abordagem a esta informação e, sobretudo, de como o conhecimento dessa informação pode contribuir para uma melhor perceção e enquadramento do problema da água no continente africano e, em particular, na África Austral.

A NATUREZA DAS COMUNIDADES OASIANAS ARGELINAS. DA REPRESENTAÇÃO ORIENTALIZANTE À AVALIAÇÃO DA SUSTENTABILIDADE DE UM ECOSISTEMA (SÉCS. XIX-XX)

Isabel Ribeiro

CH-ULisboa - Centro de História da Universidade de Lisboa. FL-Universidade de Lisboa. Pt. isabelmoreiraribeiro@gmail.com

A inscrição dos estudos sobre as comunidades oasianas no âmbito das Ciências Sociais e das Geociências, num contexto de observatório, nomeadamente o Observatório da Sahara e do Sahel, tem sido perspetivada através de múltiplos discursos.

A identificação das constelações de oásis argelinos, numa primeira leitura, remete para uma matriz visual orientalizante da natureza oasiana, quer a nível pictural quer fotográfica, a qual se inscreve numa dimensão colonial, no quadro referencial das culturas históricas da água.

As problemáticas centradas nas culturas oasianas e no seu modelo sócio-ambiental, têm-se desenvolvido em torno do binómio conhecimento/ação, reconhecendo os diferentes processos históricos inerentes às diferentes linhas de oásis. Neste contexto, cada uma destas é analisada como um micricosmos, através da recomposição das matrizes correspondentes aos sistemas de pequena e

média hidráulica, à gestão social da água e ao desenho complexo que integra o seu código de distribuição social e as suas redes de controlo, equacionadas através do seu potencial ecossistémico.

TIERRAS DE OASIS. HISTORIAS Y NARRATIVAS DE IDENTIDADES TERRITORIALES EN XINGJIAN (CHINA) Y BAJA CALIFORNIA SUR (MÉXICO)

Antonio Ortega Santos e Chiara Olivieri

Departamento Historia Contemporánea. Facultad Filosofía y Letras, Universidad de Granada. Sp. aortegas@ugr.es; olivieric@ugr.es

Desde una perspectiva histórica, proponemos un estudio del proceso histórico de construcción de la identidad territorial y las formas de poblamiento y manejo de los desiertos y oasis en perspectiva comparada. Por un lado, la región noroccidental china de Xinjiang ha sido escenario de procesos de migraciones controladas por el Estado, con el objetivo de establecer un control y apropiación sobre los recursos naturales, geográficos y humanos del territorio. Las relaciones desierto/oasis, pues, así como los sistemas socioambientales tradicionales, han sido sometidos a mecanismos de colonialismo protagonizado por agentes externos. Este proceso llevado hasta el día de hoy muestra un conflicto interétnico que tiene como consecuencia un proceso de gentrificación de los territorios que ampara un modelo extractivista y capitalista de gestión de los recursos naturales (agricultura, gas, petróleo, etc)

Del otro lado del Pacífico, desde finales del siglo XVII con la llegada de los Jesuitas a Baja California Sur se implementó un manejo “europeo” de los recursos naturales, construyendo mediante acequias y sistemas hidráulicos una nueva forma de manejo del territorio, los oasis. Desde finales del siglo XXIII y a lo largo del siglo XIX, estos desiertos y oasis se vieron sometidos al control de los diversos grupos y del Estado Mexicano imponiendo una nueva identidad territorial, la identidad oasisiana ranchera que se define por un alto nivel de adaptación al ecosistema desértico, bajo nivel de consumo y apropiación eficiente de recursos naturales.

Descolonizar nuestra mirada y nuestras propuestas de investigación es una tarea necesaria; por lo tanto, se analizan las características de estos mecanismos de dominación de los recursos impuestos en Xinjiang así como en Baja California del Sur y el consiguiente impacto que estas políticas modernas-coloniales han generado en la población indígena, desvelando y denunciando procesos de colonialidad del ser humano que traspasan límites territoriales del Norte Global-Moderno-Colonial.

‘BEAT THE ODDS’: COPING WITH PORTUGUESE AND SPANISH ARCHIVAL SOURCES TO STUDY THE PORTUGUESE FORESTED AREAS DURING THE IBERIAN UNION (1580-1640)

Koldo Trápaga Monchet¹ and Félix Labrador Arroyo²

¹IAP- Instituto de Arqueologia e Paleociências. Universidade NOVA de Lisboa. Pt. koldo.trapaga@fcsb.unl.pt

²URJC- Universidad Rey Juan Carlos. Sp. Felix.labrador@urjc.es

As is well-known, whoever seeks to research Portuguese early modern history is going to face several challenges. Amongst others, we have all heard the famous statement that the study of Portuguese history prior 1756's earthquake is very challenging due to documentation shortfall. Another issue to deal with is the fact that the Portuguese primary sources are scattered in several archives and libraries, enhancing the struggle. Although such proclamation might be true, there are indeed worthwhile and valuable historical means regarding the Portuguese history that have not been fairly valued.

Therefore, the aim of this paper is to shed light upon the primary archival resources available in Spain and Portugal during the Iberian Union related to Portuguese's forests and raw materials (mainly timber and trees). It not only aims at focusing on those papers directly connected to the Portuguese forested areas, but it also intends to figure out the way in which the Portuguese and Spanish Monarchies handled these matters. Understanding both the way in which the Monarchies were politically structured and the evolvement of internal political dynamics permit us to better understand how the Spanish and Portuguese archives operated. It enables, thus, to give insights both where can the historians and broader public find the sources and how to deal with them.

O LIXO NO CONTEXTO PORTUÁRIO DO SÉC. XVII. POLUIÇÃO E HIGIENE NO FUNCIONAMENTO DO PORTO DE ANGRA, AÇORES.

Ana Catarina Abrantes Garcia

CHAM-Centro de História d'Aquém e d'Além Mar, FCSH-Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores. Pt. catarinagarcia@gmail.com

O abandono de objetos ou víveres sem serventia e a acumulação de lixo é um fenómeno transversal na história da humanidade. Estudos arqueológicos revelam como a constituição de lixeiras foi recorrente ao longo da história. Consideradas,

hoje em dia, de elevado valor científico podem fornecer dados sobre quotidianos, práticas e dietas. Contudo, aferir em que medida essas lixeiras eram consideradas ameaças à qualidade ambiental ou saúde pública no contexto das épocas em que foram produzidas, já se torna uma tarefa mais difícil.

No caso dos espaços portuários, o lixo e a sujidade não ocorrem somente em meio terrestre, mas também aquático onde as embarcações circulam e onde regulamente lixos e aprestos são abandonados.

Centrando-nos no século XVII, num contexto de plena expansão marítima, pretendemos partir do caso de estudo do porto de Angra, nos Açores para aferir como a noção de lixo num contexto portuário foi entendida e tratada por parte de utilizadores e autoridades locais. Este importante porto insular para a escala no Atlântico foi palco de uma intensa atividade mercantil tanto de embarcações portuguesas como estrangeiras. Autoridades locais como a Câmara, reconhecem a sujidade e o lixo como um problema de saúde pública ou de segurança para as embarcações, levando à constituição de um conjunto de normas, como as posturas municipais, que visavam regular práticas potencialmente poluidoras do espaço. Por outro lado, os guarda-mor da saúde tentavam evitar contágios e propagação de epidemias, estabelecendo medidas profiláticas como a quarentena. No caso da provedoria das armadas, a preocupação centrava-se nos despojos deixados no fundo e à superfície após a ocorrência de naufrágios.

A presente comunicação versará sobre o modo como o lixo e a sujidade portuária são encarados e qual o grau de consciência relativamente à noção de lixo e as suas potenciais implicações ambientais à luz da época.

NOVAS CONCEPTUALIZAÇÕES DE NATUREZA NOS TRÓPICOS: O PARECER DO ENGENHEIRO ANTÓNIO CARLOS ANDRÉIS SOBRE CABO VERDE (1780)

Maria João Soares

CH-ULisboa - Centro de História da Universidade de Lisboa. FL- Universidade de Lisboa. Pt.

mariajoaosoares@yahoo.co.uk

Em meados do século XVIII, o arquipélago de Cabo Verde, havia já muitos anos que se tinha periferizado no corpo do império Atlântico Português, sobretudo quando o surto aurífero e diamantífero do Brasil despontou. Desde as primeiras décadas do século XVII, estas ilhas meso-atlânticas, em particular a ilha de Santiago, haviam perdido a sua posição de plataforma reexportadora de escravos guineenses para outras margens atlânticas. Doravante, ao longo de Setecentos, restava apenas a este pequeno arquipélago alguns fluxos marginais comerciais no seio do grande comércio marítimo transatlântico, isto é, o fornecimento de

aguada e refresco às frotas atlânticas, a venda de sal e urzela e a manufactura e transacção da panaria local de algodão, que tinha grande valia nos mercados negreiros.

Com o advento do marquês de Pombal à frente da política nacional, procurou-se encontrar uma solução para a situação político-económica de Cabo Verde que passou pela sua integração/privatização às mãos da companhia majestática do Grão-Pará e Maranhão. Os resultados desastrosos da exploração daquela empresa, a que se somou uma das primeiras fomes gerais do arquipélago em 1773-1775 deixaram a economia insular à beira da insolvência. Daí que no reino se pensasse que destino se poderia dar a tão desafortunadas ilhas tropicais. Martinho de Melo e Castro, à frente da secretaria de estado dos negócios da Marinha e Ultramar gizou para o arquipélago um novo projecto (re)colonizador cuja execução exigia uma opinião avalizada. O ministro encontrou-a no engenheiro-militar capitão António Carlos Andréis que a desventura desterrara para Cabo Verde c. de 1765. Já regressado a Lisboa c. de 1780 este reputado técnico respondeu com um parecer ao plano do ministro elaborando um levantamento dos recursos naturais do arquipélago, em que se esboçam novas concepções utilitaristas e pragmáticas da natureza que se visava conhecer para melhor dominar e explorar economicamente.

DINÂMICAS IMPERIAIS NO ÍNDICO E CONSTRUÇÃO DE SABERES TERAPÊUTICOS: CONEXÕES ENTRE MOÇAMBIQUE E GOA NO SÉCULO XVIII

Eugénia Rodrigues

CH-ULisboa - Centro de História da Universidade de Lisboa. FL- Universidade de Lisboa. Pt. sazora@sapo.pt

As relações entre diversos territórios do Oceano Índico, movimentando pessoas, produtos, ideias e saberes, são bastante antigas. No entanto, a construção dos impérios europeus, e nomeadamente do português, introduziu diferentes dinâmicas nesse quadro e configurou novas redes ligando grupos e regiões. A circulação dos conhecimentos médicos, associada à deslocação de pessoas e às trocas comerciais, constituiu um dos nexos dessas articulações. Nesse contexto, práticas terapêuticas elaboradas na África Oriental foram transpostas para Goa e, tudo indica, integradas no corpo de saberes locais, assim como nas práticas de cura europeias. Não se tratava apenas da expressão de uma curiosidade pelos produtos e pelos conhecimentos locais, mas também da sobrevivência dos actores deslocados do seu meio. Nesta comunicação, pretende-se analisar como os conhecimentos de cura dos africanos da região de Moçambique, os quais conhecemos apenas através de fontes europeias, foram transpostos para a Índia,

em particular para Goa, e circularam nesse território. Os testemunhos europeus revelam as relações bioculturais dos africanos com certas espécies botânicas de Moçambique e o seu papel na difusão da sua utilização em Goa e noutras partes da Índia.

6TH MAY 2017

SCHOOL OF SOCIAL SCIENCES AND HUMANITIES
OF THE NEW UNIVERSITY OF LISBON

Round Table II - ECOLOGICAL HISTORY AND ENVIRONMENTAL HISTORY: LIMITS AND PERSPECTIVES

Simon Pooley (Coordinator)

Birkbeck, University of London. UK. s.pooley@bbk.ac.uk

The growing sense of the planetary scale of human agency, the intertwined nature of social and ecological systems, and the clear evidence of the accumulating impacts of anthropogenic actions is driving researchers to resort to history as a resource for understanding the present and predicting the future. Many use historical data to construct timelines and trends to inform our understanding of contemporary or future environmental scenarios. While interdisciplinary discussions of the Anthropocene insist we denaturalise narratives of global environmental change through appreciating local and regional histories of socio-economic and political change, in the environmental sciences literature the use of historical sources usually refers to data mining ‘the past’ using the scientific methods favoured by historical ecologists. The role of history as method is little discussed, and in particular, the role of history in interrogating the framing and collection of data is seldom explored. In this session we aim to demonstrate how and why we should work with scientific data and historical sources, and also discuss what environmental historians bring to such collaborations.

Simon Pooley will introduce and chair the session. Carlos Nores will explore how historical research can inform, and even overturn our ideas about which species belong in a place and which are the invaders, and consider some challenging implications of such findings. Cristina Brito will relate how rapid shifts in the geomorphology of rivers and coastlines at Peniche and Nazaré, on the Atlantic coast north of Lisbon in Portugal, influenced local ecologies and patterns of socio-economic activities in medieval and early modern times. João Pedro Vicente Tereso will review the state of the art regarding the social, environmental and chronological contexts of the history of the cultivation of cereals from the 6th millennium BC to the Medieval Ages in Western Iberia.

COASTAL GEOMORPHOLOGICAL AND ENVIRONMENTAL CHANGES AS DRIVERS OF HISTORICAL SHIFTS IN MARITIME ACTIVITIES: ATOUGUIA AND PENICHE; PEDERNEIRA AND NAZARÉ (PORTUGAL)

Cristina Brito¹, Catarina Garcia², Nina Vieira³, Tânia Ferreira⁴ e Celso Pinto⁵,

^{1,2,3} CHAM-Centro de História d'Aquém e d'Além Mar, FCSH-Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores. Pt.¹escolademar@gmail.com;

²catarina.garcia@gmail.com; ³ninavieira.pt@gmail.com.

⁴IDL, FC-Universidade de Lisboa. Pt

⁵APA – Portuguese Environment Agency, Lisbon.Pt

Medieval and early modern Portuguese written sources attest to the relevance of maritime activities, such as fishing, whaling and salt extraction both to local communities and national and European commercial routes of exchanges. By the 12th century, former Atouguia estuary (Peniche) and Pederneira lagoon and seaports (Nazaré) were considered particularly important grounds for the scavenging and capture of large fauna, such as dolphins, whales and some large migratory fish. Tithes, taxes, particular laws, and village charters indicate the presence and importance of such activities since that period. However, approximately since the 14th century, sea level changes and anthropogenic activities (i.e. agriculture, deforestation) increased sedimentation rates, contributing to the rapid infilling of these lowlands. Due to these morphological modifications, in connection with possible environmental changes in the ecology and abundance of certain target species, both villages suffered an extreme and rapid process of economic and social transformation. In just a couple of centuries, the villages moved away from coastal fishing and trading to being inland villages mostly dedicated to agriculture by the 17th century. This also led to a decrease in the development of the maritime extractive and commercial activities of Atouguia da Baleia and Pederneira, which were redirected to the nearby villages open to the ocean, respectively Peniche and Nazaré. In this paper, rapid shifts in the coastline and evolution in local activities, patterns of socio-economic and short-term environmental changes, and the ability to adapt to these changes in the early modern time, will be addressed.

HISTORICAL INFORMATION AND INVASIVE SPECIES: UNEXPECTED FINDINGS

Carlos Nores¹, Arturo Morales Muñiz² e Laura Llorente³

¹INDUROT, Universidad de Oviedo, Asturias. Sp. cnores@uniovi.es

²Laboratorio de Arqueozoología, Depto. Biología, Universidad Autónoma de Madrid, Madrid. Sp arturo.morales@uam.es

³BioArCh-Department of Archaeology. University of York. UK. laura.llorente-rodriguez@york.ac.uk

The perception of invasive species is often burdened with manichean connotations, a phenomenon one can witness on subtle issues such as the xenophobia-laden adjectives that the names of many exotic species bear, as is the case of the European mink, *Mustela lutreola* vs. the American mink, *Neovison vison*. Keystone species are usually considered those that play important roles in an ecosystem be these in terms of trophic relationships, biomass or energy flow. However, once one learns about the local history of a key species, it sometimes happens that such character turns out to be an originally invasive one. Indeed, many a species becomes a key element of its habitat by virtue of it displacing previously existing species and changing the environment in ways that determine its present functionality. This seems to have been the case of the crayfish *Austropotamobius italicus* in Spain and also of most terrestrial mammals presently inhabiting Mediterranean islands. Likewise, there exist species that even though not ranking as key elements have displaced former resident equivalents from large portions of their range. This would be the case of the beech marten *Martes foina* that since Neolithic times displaced the pine marten *Martes martes* from large areas of the Iberian Peninsula. Such facts question the procedure for protecting species hitherto threatened but proved to be a past invasive species by historical and archaeological records and raise important questions: Are our attitudes towards invasive species objective and always based on data proved beyond question? Are all alien species equally harmful just by the mere fact of being exotic? Would one consider reasonable that the protection criteria of a species hitherto considered threatened might be overturned by an historical, archaeological or genetic serendipitous finding? If so, should resources meant for protection up until that point be switched to eradication programs?

THE INTRODUCTION OF CEREALS IN WESTERN IBERIA IN ITS CHRONOLOGICAL, ENVIRONMENTAL AND SOCIAL CONTEXT: A STATE OF THE ART

João Pedro Vicente Tereso

InBIO - Rede de Investigação em Biodiversidade e Biologia Evolutiva. Porto.Pt.
jptereso@gmail.com

Cereals are crucial crops in current economical and subsistence strategies and that has been the case since their introduction in Western Iberia in prehistoric times. Current archaeological and archaeobotanical data provides us with significant knowledge on the chronology and cultural context of the introduction and spread of major cereals in Prehistoric and early Historic periods. Data also allow us to address the moments when some of these cereals ceased to be relevant crops.

Hulled and naked species of wheat were introduced in early moments of the Neolithic. The cultivation of millet began in the Bronze Age. Spelt and oat were introduced in the beginning of the Iron Age and rye in the beginning of the Romanization. All these moments coincide with other changes in human communities, namely in the scope of technology, settlement and social organization. Cereals played their part in such trends. Furthermore, the choice for particular crops may also have been limited by environmental factors.

This communication will review the state of the art regarding the social, environmental and chronological contexts of the history of the cultivation of cereals from the 6th millennium BC to the Medieval Ages.

Session 9 - ENVIRONMENTAL CONFLICTS AND POLICIES

Chair - Carlo Bifulco

ATRAVÉS DA NATUREZA CAMPESTRE E MANSA»: O QUE SABEMOS SOBRE OS CONFLITOS AMBIENTAIS EM PORTUGAL NOS ÚLTIMOS DOIS SÉCULOS.

Paulo E. Guimarães

Centro de Investigação em Ciência Política, Universidade de Évora. Pt
peg@uevora.pt

Os conflitos ambientais têm sido objecto de um interesse crescente por parte dos historiadores e de cientistas sociais. Estudos geograficamente localizados têm vindo a desafiar imagens consolidadas do Portugal rural que permaneceu incólume aos danos provocados pelo crescimento industrial moderno. Associados à integração do país no comércio mundial, à expansão do extrativismo nas pescas, na agricultura comercial, na pecuária industrial e

suscitada pelas diferentes indústrias e do urbanismo, desenrolaram-se conflitos em diferentes regiões e contextos provocados por diferentes formas de poluição, pelo uso intensivo de recursos, pela perda de qualidade de vida e saúde. Estas encruzilhadas constituem fontes de informação qualitativa privilegiadas sobre os processos sociais e políticos que podem ser observados à escala local ou regional de alteração irreversível do meio ambiente, sobre as suas percepções pelos diferentes actores, as formas competitivas / alternativas de uso dos recursos. Elas revelam também as limitações dos instrumentos de gestão ambiental, da sua institucionalização, enfim, informam sobre os valores ambientais em presença e as diferentes estratégias levadas a cabo pelos agentes sociais. Assim, esta comunicação propõe fazer um balanço sobre os resultados já alcançados pelos estudos em torno dos conflitos ambientais em Portugal, colocando-os em perspectiva histórica e num quadro teórico mais alargado. Este exercício visa identificar elementos comuns aos diferentes «casos», traçar linhas de tendência evolutiva, considerando as diferentes abordagens e metodologias, e possíveis contribuições teóricas para este campo de estudos multidisciplinar.

TERREMOTO Y AVALANCHA EN EL CALLEJÓN DE HUAYLAS RECONSTRUCCIÓN, RELOCALIZACIÓN Y MITIGACIÓN DE RIESGOS ANTE LOS DESASTRES NATURALES EN LOS ANDES PERUANOS (1970-1972)

Victor Emilio Alvarez Ponce

Latainamerika Institut, Freie Universität Berlin. De.

alvarezponce.victor@gmail.com

El 31 de mayo de 1970, un terremoto de 7.8 grados en la escala de Richter afectó a 22 provincias en el centro y norte del Perú, dejando un saldo de 70 mil muertos, 18 mil de los cuales desaparecieron por una avalancha que sepultó por completo la ciudad de Yungay, en el callejón de Huaylas. Ante la emergencia, el Estado peruano organizó inmediatas acciones de asistencia y rescate, a las que se sumó ayuda humanitaria proveniente de todo el mundo. Al constatar la devastación de la infraestructura en muchas ciudades del interior del país, el gobierno revolucionario del general Juan Velasco Alvarado vio la urgencia de crear la Comisión de Reconstrucción y Rehabilitación de la Zona Afectada (CRYRZA) para que, desde un nivel multisectorial, se realicen estudios técnicos que permitan reducir los riesgos a futuras catástrofes. Dado el enorme impacto mediático mundial del “cataclismo”, la cooperación internacional se sumó a la labor de la CRYRZA para analizar los factores que devinieron en esta tragedia, encontrándose como los más significativos a: la existencia de innumerables construcciones precarias, la licuefacción del suelo, el derretimiento de los

glaciares en la Cordillera Blanca y, por supuesto, la elevada sismicidad del territorio peruano. Posterior a ello, se trazó un plan integral de reconstrucción, relocalización y desarrollo urbano, sobre la base de mitigar futuros riesgos en la región. La presente ponencia tiene por objetivo analizar la incidencia de los devastadores efectos del terremoto de 1970, y como el gobierno del Perú y la cooperación internacional sumaron esfuerzos para reducir la vulnerabilidad de zona afectada, algo nunca antes ocurrido en la historia del estado peruano. El método de investigación se centra en un análisis histórico con perspectiva multidisciplinaria, teniendo como fuente principal los informes del CRYRZA, contextualizados con fuentes audiovisuales y prensa escrita contemporánea.

AMBIENTE E POLÍTICA EXTERNA: PORTUGAL, COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO E A CPLP

Pedro Ponte e Sousa

FSCH - Universidade NOVA de Lisboa.Pt. pedrosousa_pps@hotmail.com

As Relações Internacionais, como ciência social que se dedica ao estudo dos fenómenos que envolvam actores em mais do que um estado, têm demonstrado ao longo do tempo uma incapacidade em compreender e incluir nas suas análises assuntos de natureza ambiental, dando larga preferência a questões económicas, culturais e sociais mas, sobretudo, político-diplomáticas. O seu tradicional foco nas relações entre estados, privilegiando o estudo de temas directamente relacionados com a segurança e defesa de um determinado território e dos seus cidadãos, inviabilizava a compreensão de questões que, apesar de não corresponderem de forma exacta à agenda político-diplomática de um estado, poderiam ameaçar ou constituir-se como um risco ao interesse nacional ou dos seus cidadãos. Com este trabalho, procuraremos identificar como as questões ambientais passaram a ser incluídas nessas agendas, e as estratégias de governação global assentes na diplomacia multilateral para gerir e resolver problemas ambientais partilhados entre vários estados, nomeadamente no contexto da União Europeia. Atentaremos ainda de forma particular no caso português, tentando aferir o discurso e prática relativamente à assunção de questões de natureza ambiental como relevantes para a política externa, e eventuais vantagens (como o adensar das políticas de cooperação no seio da CPLP) e desvantagens (dispersão de recursos e atenção) da inclusão desse tema na agenda de política externa.

Session 10 - CITIES, URBAN DEVELOPMENT AND ENVIRONMENT

Chair - Lúcia Pinto

LISBON'S LUNGS: INTEGRATING LANDSCAPE IN THE CITY

Ana Duarte Rodrigues

Investigador FCT da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Membro do CIUHCT- Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia. Universidade de Lisboa. Pt. amnrodrigues@fc.ul.pt

The opposition between the city and the countryside goes back to Antiquity – put forward by the fable ‘The Mouse of the City and the Mouse of the Countryside’ –, but it became much more emphasized following the Industrial Revolution. As cities grew and its negative effects accentuated, many voices pleaded for the reintegration of natural elements into the urban landscape by creating green grounds that answered both demands of health and recreation. Many urbanists compared cities to organisms, and green spaces *qua* their lungs, and many reformers argued the necessity of public parks to provide honest recreation and healthy environment for the working class. This is the rationale behind the construction of many parks in European cities. However, I argue that the growth of Lisbon’s lungs, first projected for Campo Grande and then for the rural area of Monsanto has different roots. Pollution caused by industrialization was not the reason behind Frederico Ressano Garcia’s utopic project for the enlargement of Lisbon to the north in the late nineteenth-century. Highly influenced by French urbanism and landscape architecture, Ressano Garcia projected Lisbon’s ‘Bois de Bologne’. Later, another area of Lisbon’s surroundings was foreseen as Lisbon’s lungs: Monsanto. Although the brothers McBride and Forestier had understood long before the necessity of this large park, its cultivation only began in 1938 under the dictatorship. The goal of the City Council was to enhance the city as a great European capital, head of an Empire, and at the same time to provide healthy environment, comfort and honest recreation for the citizens. Furthermore, I argue that greening the city of Lisbon was part of the urban renewal of the Liberal agenda which was retaken by Salazar and the architect Alfred Keil.

PAISAGEM E RECURSOS NATURAIS DA CIDADE MEDIEVAL DE BRAGA

Maria do Carmo Ribeiro

Departamento de História e LAB2Pt, Universidade do Minho. Pt.

mcribeiro@uaum.uminho.pt

Esta comunicação pretende analisar os recursos naturais existentes na cidade medieval de Braga e na sua envolvente, nomeadamente os recursos hídricos (rio, linhas de água), os recursos geológicos e florestais, mas também a sua exploração e uso, tendo em conta o processo construtivo e as atividades económicas (pelames, açougues) desenvolvidas na cidade. Pretende-se, igualmente, abordar os diferentes usos do solo, designadamente agrícola, hortícola e vinícola de modo a caracterizar a paisagem urbana medieval, particularmente as áreas construídas e os espaços por urbanizar, com particular destaque para as zonas verdes, naturais ou cultivadas.

Na realidade, a cidade de Braga, localizada na bacia hidrográfica dos rios Cávado e Ave beneficia de favoráveis recursos hídricos, nomeadamente do rio d'Este que permitiu, por exemplo, o desenvolvimento da atividade de curtição de peles na Idade Média. Igualmente, o coberto vegetal constituído maioritariamente por carvalhos e castanheiros constituiriam um importante recurso como combustível e fertilizante, mas também para a construção. A partir da toponímia, é possível identificar zonas de vegetação constituídas por soutos (Rua do Souto) e carvalhos (Campo das Carvalheiras) na periferia imediata da cidade medieval. Regista-se igualmente a existência de áreas verdes dentro do espaço urbano, identificadas desde logo por topónimos como Rua Verde, onde predomina vegetação, mas também pequenas hortas e jardins. De igual modo, a extensa área periurbana por urbanizar era destinada ao cultivo da vinha (Campo da Vinha), com predomínio de uma vegetação de soutos e carvalhos que será paulatinamente substituída por construções a partir da Idade Média.

Esta abordagem será realizada a partir da análise das fontes escritas, da toponímia, mas também da icnografia e a cartografia histórica. Na realidade, através do cruzamento de diferentes tipos de dados é possível individualizar a área urbanizada na Idade Média e adiantar algumas das principais características do ambiente natural onde a cidade se desenvolveu, contribuindo deste modo para a história do ambiente medieval de Braga.

O ACESSO AOS RECURSOS NATURAIS NAS CIDADES MEDIEVAIS PORTUGUESAS: REGULAMENTAÇÃO E CONTROLO NOS SÉCULOS XIV E XV

Arnaldo Sousa Melo

Departamento de História e LAB2Pt, Universidade do Minho. Pt.

amelo@ics.uminho.pt

O acesso a recursos naturais, na sua dimensão económica e como matéria-prima para atividades produtivas foi objeto de variadas formas de controlo pelas autoridades concelhias, bem como régias ou senhoriais, nas cidades medievais portuguesas. Regulamentação e controlo verificados numa dupla perspetiva: o controlo do acesso a recursos naturais finitos, ou seja, limitados na capacidade de oferta relativamente à procura existente, por um lado; privilegiar-se o acesso a esses recursos por parte dos sectores económicos considerados mais importantes pelas autoridades. Paralelamente, pode por vezes surgir algumas preocupações com a gestão e manutenção dos recursos naturais, tendo em conta a necessidade de impedir o seu esgotamento no futuro.

Esta regulamentação e controlo com frequência assumia-se como sazonal ao longo de um ano, em função não só dos ritmos de oferta dos recursos naturais existentes, mas também da procura para fins económicos e industriais que também podia apresentar forte sazonalidade.

Esta análise será ainda associada às questões da origem desses recursos, mais próxima ou mais longínqua, dos centros compradores, em geral as cidades; mas também a utilização e destino desses recursos.

Entre vários exemplos a apresentar, pode-se destacar o acesso à madeira de qualidade muito específica para os tanoeiros de Lisboa e Porto; o acesso ao carvão para os ferreiros de Lisboa; o acesso ao granito do Norte de Portugal no Algarve; os couros para os sapateiros ou para exportação; ou a madeira para a construção naval.

Finalmente, serão apresentados alguns exemplos como o acesso aos recursos naturais será, com frequência, utilizado como argumentação retórica, política, por parte de alguns poderes, nomeadamente o concelhio.

Esta comunicação baseia-se em documentação histórica medieval dos séculos XIV e XV relativas às principais cidades medievais portuguesas, sobretudo Lisboa, Porto e Évora.

WATER AS AN URBAN LANDSCAPE DRIVER: THE REGION OF GUIMARÃES FROM 1853 TO A UNESCO SITE

Lígia Pinto¹, Cristina Joanaz de Melo², Paulo Ramisio³ e Estelita Vaz⁴

¹Escola de Economia da Universidade do Minho. Pt. ligiacpinto@gmail.com

²IHC-Instituto de História Contemporânea. FCSH- Universidade NOVA de Lisboa. Pt. cristina.joanaz@eui.eu

³Escola de Engenharia da Universidade do Minho. Pt. Pramisio@gmail.com

⁴Escola de Ciências da Universidade do Minho. Pt. estelita.vaz@gmail.com

The territory now designated as Guimarães has, since 1800s has suffered significant changes in soil occupation as a result of an evolving relationship between the river and the social and economic activities it sustains. From the elevation of the village Guimarães to city of Guimarães (in 1853), to nowadays, we propose to characterize the living and evolving landscape of the city. The analysis focuses on landscape evolution provided by the territory itself. As hypothesis we propose to analyze the private and public uses of water, from drinking and washing to agriculture and industry (first as an input of production and subsequently as an energy source). The existence of many tributary rivers widely distributed across the land would support the expansion as the take-off of many activities. As in many other heritage cities, water has been the support to a diversified set of activities that shaped the watercourses and the urban landscape. The development of the leader industry, an industry characterized by intensive water use, significantly changed the urban landscape. In the same vein, the technological development and the introduction of electric power further transformed the way the city used and manipulated the presence of water. Adding to this, the expropriation of private land to public uses might provide valuable information not only on the uses of the land, but also on the social and economic activities developed. To trace the changes in the socio-natural environment of the city, and to evaluate the importance that water had in shaping the urban environment, historical sources will be used such as: parliamentary debates, agricultural statistics, cartography, legislation, municipal briefings and acts. This information gathered with data from the literature review, will be organized in a GIS referenced map of the study area, supporting the identification of urban landscape based on water use.

LANDSCAPES OF PORTUGAL IN TWO HUNDRED YEARS OF NARRATIVES

Ana Isabel Queiroz

IHC-Instituto de História Contemporânea. FCSH- Universidade NOVA de Lisboa. Pt. ai_queiroz@fcs.unl.pt

The landscape has been a constant element of the literary Portuguese text from the Romanticism to the present day. This paper is an overview of Portuguese literary landscapes in a broad corpus of fictional and non-fictional narratives. The analysis considers the role of the writer in the construction of these cultural objects as well as the existence of a relationship between each representation and the landscape that served as its referent. The most recent texts, in particular, take a critical look at the preservation of landscape values and some of the current global environmental challenges. Following different creative contexts through a period of almost two hundred years, the following landscapes are evinced: (1) rural landscapes shaped by continued agricultural practices, abandoned today, but remembered and even recolonized by a nostalgic population of an idealized past; (2) urban landscapes, with a particular focus on the city of Lisbon, where changes resulting from an urbanistic expansion and concentration of people are identified, raising questions regarding its own environmental sustainability.

AGRICULTURAL TERRACES AS A PROXY TO LANDSCAPE HISTORY ON MADEIRA ISLAND

Sandra Kiesow

Institute for Ecosystem Research, Kiel University. De.

skiesow@ecology.uni-kiel.de

In my research I analysed various agricultural terraces, their extension in the landscape, their architecture, wall structure and material. The terrace soil and its layers have been analysed to understand how slopes were shaped, how soil was moved and 14-C analyses of charcoal escravated underneath the wall structure have been done to determine the age and thus understand when land-use with agricultural terraces has been established and thus changed the natural landscape and it's functions forever.

THE IMPACTS OF HISTORICAL LAND USE CHANGE ON OCEANIC ISLAND ECOSYSTEMS AND ENVIRONMENTS: AN INTERDISCIPLINARY ANALYSIS OF MAURITIUS' SOCIAL-ECOLOGICAL SYSTEM

Sietze J. Norder

Centre for Ecology, Evolution and Environmental Changes (cE3c), University of Lisbon, Lisbon. Pt

Institute for Biodiversity and Ecosystem Dynamics (IBED), University of Amsterdam (UvA), Amsterdam. NL

sj.norder@gmail.com

Historical land use change is responsible for the current state of the social-ecological system on the island Mauritius. Islands are ideal study systems for assessing the role of past socioeconomic drivers on the ecosystem and environment. An interdisciplinary approach was adopted to gain insights about historical human-environment interactions on Mauritius. This approach combined three sources of information: 1) historical documents, census data, and maps; 2) charcoal records, and; 3) modelled impacts of historical deforestation on soil loss. The results show that the societal-, ecological-, and environmental- history are closely interlinked. The current state of the social-ecological system on Mauritius is negatively affected by past human-environment interactions. However, potential negative impacts on insular societies might be mitigated by telecouplings such as food, fuel, and fertilizer imports. A better understanding about historical human-environment interactions provides important lessons for today. Present-day sustainability and restoration approaches should take into account the degree to which the ecosystem and environment have already been degraded by historical land use change.

Closing Conference

WHAT ABOUT ENVIRONMENTAL HISTORY IN THE FUTURE?

Mauro Agnoletti

Università di Firenze. It. mauro.agnoletti@unifi.it

NOTES

NOTES

This event is funded by national funds through
FCT – Foundation for Science and Technology
under project *UID/HIS/04311/2013*



LETRAS
LISBOA



Fundação para a Ciência e a Tecnologia



REPÚBLICA
PORTUGUESA



Grupo Águas de Portugal



Centro Helen Keller
Instituição Particular de Solidariedade Social